

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 33

Setembro de 1965

Dez Princípios para fazer Amigos

1.º — Conservai vossa naturalidade. Quaisquer affectações ou artificialidades facilmente se notam e demonstram falta de confiança própria; não sejamos actores; deixemos isso para os outros.

2.º — Sede bondosos. Se não fordes naturalmente bondosos, procurai formar o hábito de amabilidade e simpatia para com toda a gente. Tende o cuidado de não ferir as susceptibilidades dos outros; evitai melindrar quem quer que seja.

3.º — Cuidai bem das vossas palavras. Nem sempre convém dizer tudo o que se pensa. Isto não é hipocrisia: é cortesia. Falai com mansidão. Muitas vezes não é o que se diz, mas a maneira como se diz, que produz efeito.

4.º — Tende interesse nalguma coisa. O entusiasmo sobre qualquer assunto, contanto que não seja na própria pessoa, é uma qualidade de grande valor que prende a atenção. Por outro lado, a falta de um ideal na vida, a indiferença por tudo, não atrai amigos. Tende uma ocupação favorita: seja coleccionar selos, aprender espreto ou coleccionar poesias.

5.º — Não faleis em vossas virtudes nem vos ocupeis com os defeitos dos outros. Nunca demonstrei alegria pelas infelices dos outros mas alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram.

6.º — Tende uma opinião ou uma convicção, mas, contudo, deveis respeitar as opiniões dos outros. Lembrai-vos sempre de que podeis estar errados. Por isso escutai sempre as opiniões alheias.

7.º — Não considereis um homem vosso inimigo só porque ele não concorda com a vossa maneira de pensar. É uma bela arte saber discordar mas, ainda assim, ser amigo.

8.º — Não leveis muito a sério as declarações a vosso respeito. Muita gente só fala dos dentes para fora e não do coração. Deixai pois falar.

9.º — Não fiquéis muito ansiosos pela recompensa daquilo que fizerdes. Fazei vosso trabalho, tende paciência, sede humildes, mantende bom humor, esquecei-vos de vós mesmo e sereis respeitados e estimados.

10.º — Cultivai a estima das pessoas que encontrardes. Não precisais de as lisonjear. Uma sincera demonstração de interesse por elas e pelas coisas que lhes agradam, eis o que é necessário e que produzirá efeito. Tomai interesse pelas suas actividades, pelo seu trabalho e pela sua família. Sede sempre prontos para animar e nunca vagarosos em demonstrar simpatia.

A Questão do Dízimo

Nossa deficiência em praticar o dízimo tem feito sofrer a causa de Deus, porquanto nossas igrejas sustentam-se, e às vezes suas instituições, unicamente das contribuições dos crentes. A prática do dízimo traria abastança que possibilitaria às igrejas a realização de maravilhas na expansão do evangelho. O praticar ou não praticar o dízimo condiciona-se, a meu ver, a quatro questões. Vou apontá-las, deixando que os leitores ampliem os pensamentos pelo exame das passagens indicadas. Talvez este breve artigo seja útil para orientar algum estudo que os crentes queiram fazer sobre o assunto. Eis as questões:

1.^a — Uma questão de interpretação. Há quem pense que o dízimo é do V. Testamento e que foi abolido. É falso. A sua prática foi estimulada por Jesus, quando, censurando o legalismo sem a justiça, a misericórdia e a fé, exorta: «deveis fazer estas coisas, e não omitir aquelas». S. Mat. 23:23. O pronome *aquelas* abrange exactamente os dízimos.

A diferença que existe entre a prática do dízimo no V. Testamento e no Novo consiste em que naquele a obrigação é imposta pela lei, enquanto neste é fruto de novidade de vida. É Jesus quem diz: «se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos Céus». S. Mat. 5:20.

Aquilo que o fariseu e o escriba faziam por OBRIGAÇÃO EXTERNA, o crente faz por TRANSFORMAÇÃO INTERIOR, espontânea e alegremente. O crente está livre da lei, sim, mas não para ser inferior aos da lei — «não useis então a liberdade para dar ocasião à carne» Gálatas 5:13.

2.^a — Uma questão de concepção da mordomia. Precisamos reconhecer que nada temos, pois é tudo de Deus (Salmo 24:1); que nada trouxemos para o mundo e dele nada levaremos (I Tim. 6:7); que precisamos habituar-nos a viver uma vida sóbria (Isaías 55 e I Tim. 6:8-10); e que seremos chamados a prestar contas a Deus (II Cor. 10). É necessário ainda

fazer uma inversão de pontos de vista. Costumamos dizer que *dos nossos bens* Deus requiere a décima parte, quando deveríamos dizer: DOS BENS DE DEUS, ELE PERMITE GASTARMOS NOVE PARTES, EXIGINDO APENAS UMA, PARA SUA OBRA NA TERRA.

3.^a — Uma questão de carácter cristão. Carácter é o que somos. Reputação, é o que parecemos ser à observação dos outros. Nosso carácter está em relação a Deus, que nos conhece no íntimo, enquanto nossa reputação está em relação aos homens. Nossas relações com nossos semelhantes são quase sempre mais correctas do que nossas relações com Deus. Somos levados pela influência do visível. Os homens vêem, falam, protestam, condenam, aplicam a justiça. Assim, o empregado que é assíduo e pontual ao serviço, chega atrasado aos cultos e despreza-os por vêzes. Ninguém tem coragem de deixar de pagar o aluguer da casa, para comprar, digamos, um rádio.

Na relação com Deus, entretanto, isto é frequente. Usa-se o dinheiro que é de Deus e que está sempre ao nosso cuidado, para o aplicarmos em outras causas, para comprar roupa, alimento, objectos domésticos e até vaidade! É um autêntico *desvio de fundos* que, nas relações humanas, é punido com cadeia.

Quando vejo um crente não dizimista gozando certos confortos, sinto perturbado o espírito e me lembro das palavras do profeta Malaquias no capítulo 3, versículos 8 e 9 (lede). Gastar o que não nos pertence em nosso próprio benefício é cometer indignidade! Deus não está ausente. Não age contra nossas faltas imediatamente, mas tem para nós o *dia dos livros abertos* (Apoc. 20:12).

4.^a — Uma questão de fé. Há crentes que aceitam, a doutrina mas não a praticam, dizem, por não poder ainda. A Bíblia ensina, entretanto, que «Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito». S. Lucas 16:10.

Continua na pág. 13

O Testemunho de um Milionário

Alexandre Kerr converteu-se sob o ministério de Dwight L. Moody. Ao ler as Escrituras, algum tempo depois, leu no livro de Gênesis o voto de Jacob... «e de tudo quanto me concederes, certamente eu Te darei o dízimo» (Gênesis 28:22).

Leu ainda nas Escrituras que, vinte anos mais tarde, esse mesmo Jacob voltou para sua casa com servos e gado em grande abundância; dessa forma tornou-se um dos homens mais ricos do Oriente, como resultado de haver observado seu pacto de dar os dízimos ao Senhor Deus.

Com algumas dúvidas, mas com sincero desejo de pôr à prova a veracidade da Bíblia, comprovando acima de qualquer sombra de dúvida que existe um Deus pessoal e que Suas promessas são de eternidade em eternidade, e que se aplicam aos homens até mesmo de nossos dias, o Sr. Kerr, no 1.º de Junho de 1902, fez um pacto especial com Deus prometendo separar certa percentagem de sua renda para o trabalho do Senhor.

Naquela ocasião ele tinha uma hipoteca sobre sua pequena casa, devia muitas promissórias, e estava sobrecarregado de cuidados e preocupações, especialmente de natureza financeira. Entretanto, determinou provar a Deus, como fez Jacob. (Provérbios 3:9 e 10; Levítico 27:30-32; Gênesis 14:20 e 1:2; especialmente Malaquias 3:7-18).

O Sr. Kerr geralmente observava, que se os cépticos de nossos dias quiserem ter uma prova de que Deus existe, e de que a Bíblia é Sua Santa Palavra e de que todas as suas promessas são verdadeiras, tudo quanto é necessário fazer é dar a Deus o dízimo por um ano, e Deus provará aos tais, sem qualquer sombra de dúvida, que «Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre» (Hebreus 13:8).

Quando Kerr começou a pagar dízimos, bênçãos inesperadas e imprevisíveis começaram a ser derramadas sobre ele — tanto que parecia que Deus

tinha assim aberto os seus olhos para que ele pudesse contemplar Seu amor e Sua fidelidade às próprias promessas, especialmente no que diz respeito ao dízimo.

Naquele mesmo ano o Sr. Kerr, com capital bem reduzido, mas com forte fé em Deus e nas Suas promessas sobre o dízimo, conforme as palavras de Malaquias 3:10-12, organizou a firma conhecida como a Kerr Glass Manufacturing Company, que se tornou uma das maiores firmas vendedoras de vidros para frutas nos Estados Unidos. Os vidros eram manufacturados para ele na cidade de São Francisco. Por ocasião do terremoto de São Francisco a firma estava manufacturando os vidros.

O Sr. Kerr tinha investido praticamente cada centavo que ele tinha neste mundo em sua companhia de fabricação de vidros e então sobreveio o terremoto! Seus amigos chegaram-se a ele e disseram-lhe. «Kerr, você é um homem arruinado». Ele replicou: «Não o creio. Sei que Deus não recuará em Suas promessas». Ele telegrafou para São Francisco e recebeu a seguinte resposta:

«Sua fábrica está no coração mesmo do incêndio e, sem dúvida, está destruída. O calor é tão intenso que seremos impossibilitados de verificar qualquer coisa durante alguns dias».

Que ocasião de provação! Porém sua fé em Cristo nunca fraquejou. Ele cria em Malaquias 3:11 e se apegou àquela promessa de Deus. Cerca de uma semana depois do terremoto e do incêndio, chegou um segundo telegrama, dizendo:

«Três quilómetros ao redor da fábrica está tudo queimado mas sua fábrica está miraculosamente salva».

O Sr. Kerr imediatamente tomou um comboio para São Francisco. Sua fábrica era um edifício de madeira de dois andares, contendo os enormes tanques em que o vidro era fundido; êsses tanques eram conservados a 2.500 graus

Continua na página seguinte

centígrados; petróleo era usado como combustível, pelo que o edifício era o mais inflamável que havia em São Francisco.

O incêndio tinha rugido por todos os lados da fábrica de vidro, chegando até à cerca de madeira que a rodeava, chegando mesmo a chamuscá-la. Então as chamas saltaram por cima do edifício, atingindo o outro lado, e queimando tudo em sua passagem. Entretanto, nem mesmo a cerca de madeira estava queimada, nem o edifício, e nem ao menos um só dos vidros estava estalado por causa do terremoto e do incêndio.

Isso foi nada menos que um milagre do poder de Deus, protegendo aquele homem que manteve sua fé em Deus e em Suas promessas, de que aquele que paga os dízimos nunca fica arruinado, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Em 1912 o Sr. Kerr escreveu seu primeiro folheto sobre a questão do dízimo, intitulado «A Cura de Deus para a Pobreza». Este foi seguido por outro folheto, intitulado: «A Amorosa Regra de Deus Para a Prosperidade Financeira». Cada um dos vidros que saía daquela fábrica continha um desses folhetos. Ele anunciou que daria os tais folhetos às pessoas que os propagassem judiciosamente — arcando com todas as despesas ele mesmo. Desde 1912 até à época de sua morte, a 9 de Fevereiro de 1924, ele tinha distribuído gratuitamente mais de cinco milhões desses folhetos!

Três semanas antes da sua morte, ele falou aos membros da primeira Igreja Baptista de Riverside, na Califórnia, a respeito das bênçãos e riquezas das possessões, renda e aumento devido ao dízimo. Em todo o negócio em que ele se metia, dava o dízimo. Seus lucros eram tão grandes que ele criou um Fundo de dízimo e o incorporou. Seus presentes de dízimos davam volta ao mundo, pois ele estava profundamente interessado nas Missões, em sua própria terra e no estrangeiro.

Sentia-se grandemente interessado na distribuição de Novos Testamentos, Evangelhos e literatura religiosa. Saiu da pobreza e subiu até aos milhões

porque cria que Deus honraria Sua promessa de derramar Suas bênçãos hoje em dia, sobre homens e mulheres que separassem cuidadosamente o dízimo de suas possessões, salários ou renda, para o trabalho do Senhor.

Aqui temos um exemplo concreto que comprova as promessas de Deus, que Ele faz a qualquer pessoa, de qualquer lugar, em qualquer tempo — de abençoar a pessoa, no campo financeiro, se esta separar, cuidosa, honesta e sistematicamente, sem cessar, o dízimo do que ganhar, para o trabalho do Senhor.

Qualquer homem ou mulher pode provar a promessa de Deus concernente às bênçãos decorrentes do dízimo. Caso seja crente, as bênçãos decorrentes do dízimo não serão apenas financeiras, mas também físicas, mentais, e, acima de tudo, profundamente espirituais.

Concurso de Temperança

O Departamento da Juventude da nossa União, numa iniciativa muito louvável, resolveu estabelecer um concurso sobre temperança. Podem concorrer todos os jovens das nossas igrejas. O objectivo é despertar a nossa juventude para a luta contra os vícios, especialmente os que englobam o uso do tabaco, do álcool e dos divertimentos impróprios de um cristão.

Os trabalhos poderão ser apresentados em prosa, em verso, sob a forma de diálogo e, para os que tenham habilidade artística, sob a forma de cartaz. Os trabalhos devem ser enviados até 30 de Outubro ao Departamento da Juventude, C. P. 3, Nova Lisboa.

Todos os jovens interessados devem contactar com os Pastores das suas igrejas ou com os Directores de Missão que lhes facultarão o regulamento do concurso.

A BÊNÇÃO DO DÍZIMO

Infelizmente grande parte dos crentes não dá a devida importância à exigência divina do dízimo. Muitos procuram fugir ao seu dever dizendo que Deus não precisa do nosso dinheiro. Não será antes avareza?

A ordem é: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.» Malaquias 3:10.

Alguém afirmou que a verdadeira conversão envolve quatro passos distintos: coração, cabeça, língua e bolsa. Entretanto parece que a passagem do terceiro para o quarto passo é uma experiência muito difícil para certas pessoas. Essa transição, para alguns, é como um caminho pedregoso, cortado por rios largos, que impedem o avanço individual e o avanço da obra.

Muitos oram por um despertamento espiritual mas Deus não ouve as suas orações porque, entre os que oram, muitos há que são avarentos e roubam sistematicamente a Deus. Entre as muitas formas de que se reveste o pecado, nenhuma é mais baixa do que a avareza e nenhuma parece ser tão tenaz no domínio do coração do homem.

Foi a avareza que inspirou a Acã o seu pecado (Josué 7:20 e 21) e fez mentir a Geazi (II Reis 5:22-22). Foi ela também que causou a perdição de Ananias e Safira (Actos 5:1-10). Quão terrível é tocar-se no dinheiro sagrado! Quando retemos o dízimo, não só roubamos a Deus como também nos privamos das bênçãos prometidas. O dízimo, além disso, tem uma finalidade. «Grandes objectivos se conseguem com este sistema. Se todos à uma o aceitassem, cada um se tornaria vigilante e fiel tesoureiro de Deus; e não haveria falta de meios com que levar à frente a grande obra de anunciar a derradeira mensagem de advertência ao mundo. O tesouro estará provido se todos adopta-

rem este sistema e os contribuintes não ficarão mais pobres.» *Testemunhos Selectos*, Vol. 1, págs. 367 e 368.

Conta-se que, certo dia, um menino de quinze anos entrou num banco duma cidade de Inglaterra. A sua roupa coçada e os seus sapatos gastos mostravam que era pobre. Dirigindo-se ao caixa, o menino perguntou se poderia depositar ali algum dinheiro. «Quanto tens?» indagou o caixa. «Cem escudos» respondeu o menino. «Em que nome queres depositar o dinheiro?» voltou a perguntar o caixa. «Em nome de João & Companhia». O caixa surpreendido, quiz saber que firma era aquela. «*João* sou eu e *Companhia* é Deus», foi a singela resposta. Este menino, após ter pago o seu dízimo, ainda considerava o resto como sendo seu e de Deus! Não admira pois que ele tivesse sido muito abençoado e tivesse prosperado de modo tal que se tornou num homem muito rico e conhecido.

Ao promessas de Deus não são só para os ricos. Elas são especialmente para os pobres. Alguns dizem: «Eu ganho muito pouco e, por isso, não posso pagar o dízimo. Se Deus me ajudar a ganhar mais, então começarei a pagar o dízimo.» Este raciocínio é falacioso. A matemática divina é diferente da matemática dos homens. A promessa é: «... buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e toda estas coisas vos serão acrescentadas.» *Mateus* 6:33.

Alguns temem passar necessidades se pagarem o dízimo. Muito pelo contrário! Já lá dizia o salmista: «Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão.» *Salmos* 37:25.

Prezados amigos leitores do Boletim Adventista, procuraí ser fiéis a Deus e podeis ter a certeza que muitas bênçãos serão derramadas sobre vós. «Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.» *Apocalipse* 2:10 (últ. parte.)

Zeferino José

A Escola Sabatina e o nosso Programa Missionário Mundial

Apesar das dificuldades e dos obstáculos cada vez maiores, a proclamação da mensagem adventista continua com grande êxito por todo o mundo. Graças à bênção divina e ao espírito de fidelidade do nosso povo, a Obra progride em todos os lugares e, muito particularmente, nas missões longínquas. Em diversas partes do Continente Africano — apesar das perturbações de ordem política — o número dos que se desejam juntar à Igreja é tal que os nossos dirigentes têm grande dificuldade em encontrar professores e pastores para preparar estes novos adeptos e, seguidamente, cuidar do seu desenvolvimento espiritual.

No decurso de alguns anos transcorridos, o total dos membros da Escola Sabatina quase duplicou em África. Actualmente, só na Divisão Trans-Africana, esse número elevava-se a mais de 400.000. As nossas escolas estão literalmente a transbordar. O número de alunos que as frequenta é o mais elevado que jamais foi registado na história das missões adventistas. Os nossos hospitais estão igualmente superlotados e as nossas leprosarias sofrem da falta aguda de instalações adequadas. Nós louvamos o Senhor porque a expansão do movimento adventista se opera num ritmo ininterrupto e acelerado. Nos países da África, da Ásia, da América do Sul e da América Central, nas ilhas do oceano, por todo o lado, os nossos membros, constrangidos pelo amor de Cristo, aceitam viver perigosamente e gloriosamente pelo seu Mestre.

Não obstante, a tarefa inacabada que nos resta ainda levar a bom termo é pesada. Levar a mensagem da verdade a todas as nações da terra e assim apressar o regresso do nosso bem-amado Salvador representa muito trabalho. Impõe-se, sobretudo, a elaboração de planos de acção mais vastos que os do passado, com o fim de intensificar o nosso programa evangélico.

A nossa Divisão assume, a este respeito, uma responsabilidade enorme. Para acompanhar o progresso, é mister ter obreiros melhor preparados e em maior número nas nossas estações missionárias, escolas, hospitais e dispensários. Isto significa também que há necessidade de se poder contar com receitas de fundos mais consideráveis que anteriormente.

Se dermos crédito aos diversos artigos e estatísticas emanados dos serviços competentes da Conferência Geral, ficaremos a saber que as nossas ofertas semanais da Escola Sabatina, durante os últimos anos, têm diminuído em relação ao montante dos dízimos, vistos que estes têm aumentado gradualmente. Qual a razão para este facto? Não será que, quase sem darmos por isso, estamos hoje a consagrar uma grande porção das nossas receitas ao embelezamento dos nossos lares, ao aumento do nosso conforto material, à compra de meios de transporte mais custosos, em resumo, à satisfação dos nossos desejos pessoais numa medida maior do que outrora? Actualmente vivemos nos tempos mais prósperos da nossa denominação. O Senhor tem derramado generosamente Suas bênçãos sobre o povo adventista. Será possível que esta época de abundância material exerça uma influência nefasta sobre a nossa visão espiritual? Estará ela a fazer diminuir o nosso interesse pelas missões, roubando aos nossos corações o espírito de sacrifício? Se o aumento das riquezas pode constituir uma bênção, ela implica, sem dúvida, uma maior responsabilidade na maneira como dispomos desse excedente de bens.

Nós estamos convictos de que os obreiros e os membros de igreja da Divisão Sul Europeia não têm a intenção de se furtar ao seu dever. Todos estão, certamente, decididos a continuar como membros bons e leais da Escola

Continua na pág. 12

Página da Juventude



O VI Acampamento dos M. V.

O tempo corre! Passa veloz quase sem darmos por ele, numa rápida sucessão de dias, semanas, meses e anos.

Mais um ano se passou e eis-nos chegados ao mês de Agosto. Para a Juventude Adventista este mês encerra algo de especial. É sem dúvida a magia da palavra «Acampamento» que produz tanto entusiasmo nos jovens. Parece-nos que o dia 10 demora a romper mas, numa manhã inundada de sol, ele aparece alegre e esperançoso, dando-nos como que a certeza de que tudo contribuirá para que o Acampamento seja uma bênção em nossas vidas.

Os jovens chegaram vindos de diversas Igrejas e, na manhã do dia 10, antes de partirmos para a Sacaála, local escolhido para o Acampamento, na propriedade da Irmã D. Maria Leite Ribeiro que, com simpatia e carinho, a colocou de novo à nossa disposição e a quem reconhecidamente agradecemos, reunimo-nos na Igreja de Nova Lisboa a fim de serem feitas algumas recomendações aos participantes.

Dispostos a «cumprir fielmente a parte que nos corresponde» tal como diz a lei dos M.V., partimos, rumo a Sacaála.

Preparou-se o recinto, o local da fogueira, armaram-se as tendas e, terminados os preparativos indispensáveis, chegou a hora do jantar após o qual teve lugar o primeiro serão passado junto à fogueira.

Cada dia se nos apresenta com o

seu encanto particular. O horário estabelecido pelo director do acampamento, Pastor J. A. Morgado, era prontamente cumprido e contribuiu em cada pormenor para o bem-estar e recreação dos jovens.

Mal o sol rompia, ouvia-se o apito, indicando a alvorada. Durante os breves momentos da Devoção Matinal, ao meditarmos na mensagem de cada manhã, sentiamo-nos gratos ao Senhor por fazermos parte do Seu povo e ao nos separarmos em grupos de oração pedíamos-Lhe que nos dirigisse a cada momento.

Havia horas destinadas a trabalhos manuais, jogos, banho, classes progressivas, etc. Na hora em que era apresentada «A Tribuna dos Jovens» vários assuntos de interesse espiritual surgiam ante a nossa mente, apresentados sábiamente pelo P. Morgado.

São para nós de grata recordação os momentos passados junto à fogueira!

Cada jovem cooperou nos programas apresentados, como representantes das diferentes Igrejas. Recordamos ainda o jornal «O Nosso Inimiguinho»!

Na sexta-feira, dia 13, todos trabalharam afanosamente para que as visitas esperadas no Sábado, tivesse uma recepção condigna.

O Sábado chegou. De manhã, junto aos Lagos dos Peixes, fizemos uma reunião de jovens. Após o almoço, começaram a chegar, vindos de Nova Lisboa,

Continua na pág. 13

A Obra da Educação na Igreja Adventista

por J. A. Morgado

Ao iniciarmos, este mês, um novo ano escolar, pensámos dirigir uma palavra a todos os professores, saudando-os no início de um novo ano lectivo e, ao mesmo tempo, dirigir uma palavra igualmente aos pais, relembrando a ambos que a nossa obra de educação é de inspiração divina e, por isso, permanece assente sobre os mesmos firmes princípios através dos séculos.

O primeiro pensamento que nos surge é aquele de Ellen G. White: «O ideal de Deus para com Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o mais elevado pensamento humano». *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 329. Esta declaração revela-nos que Deus tem mais interesse em nossas vidas do que nós próprios temos por elas.

Esse interesse manifestou-se claramente no princípio, quando Deus, tendo criado Adão e Eva, organizou a primeira escola, a chamada Escola do Éden. Ali encontramos, como em qualquer outra escola:

A sala de aulas	— O jardim do Éden;
O livro	— A Natureza;
O professor	— O Criador;
Os alunos	— Adão e Eva.

Lemos no livro *Educação*, pág. 21: «Em seu interesse em prol de Seus filhos, nosso Pai celestial dirigia pessoalmente sua educação.» Um pouco mais adiante, lemos: «Em cada folha da floresta, ou pedra das montanhas, em cada estrela brilhante, na terra, no mar e no céu, estava escrito o nome de Deus.»

Tendo o pecado impedido o prosseguimento das aulas nesta escola, Deus organizou, para a substituir, as chamadas Escolas do lar. Lemos em *Gênesis 18:19*: «Porque eu tenho conhecido, que ele há-de ordenar (*ensinar*) a seus filhos e a suas filhas depois d'ele para que guardem o caminho do Senhor...» E ainda em *Deut. 11:19*. «...E ensinar a vossos filhos, falando de-

las assentado em tua casa...» «A família era a escola, e os pais os professores.» *Educação*, pág. 33.

Embora este plano fosse bom, ele não foi cumprido integralmente, pois, como lemos no livro *Educação*, pág. 45, «Mas em muitíssimos lares o ensino designado pelo Céu bem como os caracteres por ele desenvolvidos, eram igualmente raros. O plano de Deus não se cumpriu senão parcial e imperfeitamente.»

Para substituir as escolas do lar, criaram-se então as chamadas Escolas dos Profetas, tal como nos é relatado em *II Reis 6:1-7* e *4:38*. «Para tal fim, Samuel reuniu grupos de moços piedosos, inteligentes e estudiosos. Foram eles chamados os filhos dos profetas.» *Educação*, pág. 46.

Nessas escolas estudava-se e trabalhava-se ao mesmo tempo. Esse binómio *estudo-trabalho*, nasceu na Escola do Éden, passou para a Escola do Lar e continuou a vigorar na Escola dos Profetas. Uma parte da alimentação dos alunos era dada pelo povo (*II Reis 4:42*) e, quando não chegava, Deus fazia-a crescer milagrosamente (*II Reis 4:43, 44*). Os alunos tinham trabalho manual como parte da sua educação e isso podemos ler em *II Reis 6:2-5* e ainda no livro *Educação*, pág. 46: «Os alunos destas escolas mantinham-se com o seu próprio trabalho de cultivar o solo, ou com alguma ocupação mecânica». Os alunos construíam as suas próprias casas (*II Reis 6:1-4*) e, a falta de fundos era tão grande, que eles eram obrigados a pedir as ferramentas emprestadas! Duma maneira particular, queremos realçar a preparação manual no sistema educativo dessas escolas: «Todo jovem, fossem seus pais ricos ou pobres, era instruído em algum ofício». *Educação*, págs. 46, 47.

Bom era que a nossa juventude e especialmente os pais compreendessem

Continua na pág. 12

Histórias Africanas



A Experiência de Chionga

Chionga foi a primeira paciente que veio ao hospital. Ela já fora a moça mais bela da aldeia. O seu corpo roliço, côr de chocolate, e a sua carinha de lua-cheia, eram motivos de inveja por parte das outras raparigas das redondezas.

Ainda muito cedo, seu pai começou a receber propostas de pretendentes da filha. Todos eles ofereciam um alambamento generoso mas o velho não tinha pressa. Esperava uma oferta maior. Se sua filha era tão bela como diziam, porque não havia ele de aproveitar esse facto para se tornar rico e poderoso?

Passaram-se os meses e, numa tarde ensolarada, quando o velho descansava deitado numa esteira em frente da cubata, puxando fumaças do seu cachimbo de cabaca, apareceu-lhe o jovem Mulumbi, filho do soba visinho. Depois de trocarem algumas palavras, entraram na cubata e ficaram lá a falar durante horas. Nessa noite o jovem Mulumbi voltou acompanhado por seu pai. Falaram até de madrugada e, quando voltaram para casa, o assunto estava resolvido. Nesse dia, trinta cabeças de gado entraram no curral do pai de Chionga. Era o alambamento combinado.

Dias depois os tambores da aldeia visinha ressoavam pela floresta dando as boas-vindas à jovem esposa que entrava na casa de seu marido. A festa prolongou-se por mais de uma semana.

Durante muitos meses, Chionga foi admirada e invejada pelo seu corpo forte e bem proporcionado e pelas grandes lavras que cultivava para o marido. Gradualmente, porém, a atitude do povo começou a mudar. Chionga passou a notar

os olhares frios e hostis que lhe lançavam, os dedos apontados e os murmúrios em surdina, sempre que atravessava a aldeia para ir buscar água ao rio. A princípio não podia compreender a razão desta mudança. Não eram as suas lavras melhores do que as das outras mulheres? Não era o seu pirão e o seu conduto mais saboroso do que o das outras?

Certo dia achava-se ela a sachar a sua lavra de milho quando, olhando ao redor, notou que todas as outras mulheres já se tinham ido embora, excepto Bimbi, cuja lavra era perto da sua. Abrindo caminho entre as espigas de milho, aproximou-se de Bimbi e expressou-se assim; «Oh Bimbi, eu ando muito triste! As outras mulheres riem-se e viram a cara quando me vêem. Afastam-se de mim sempre que me aproximo. Porque fazem elas isso?»

Bimbi olhou cautelosamente em redor, antes de responder. Finalmente disse: «A culpa é tua». Depois, condescendentemente, segredou baixinho, como se temesse que os pés de milho a ouvissem:

«Porque não dás filhos ao teu marido?»

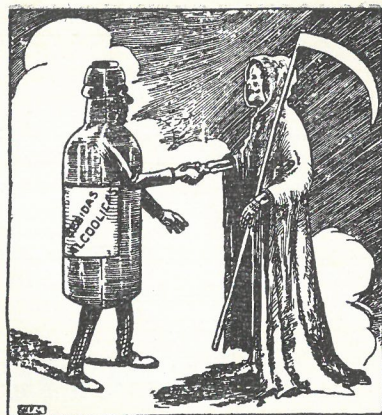
«Não tenho culpa», respondeu Chionga, cobrindo o rosto com as mãos e começando a soluçar baixinho. «Eu desejo ter filhos mas eles não vêm. Meu marido está zangado comigo e eu não sei o que fazer? Diz-me Bimbi, que devo fazer?»

«Porque não vais ao feiticeiro?»

«Ao feiticeiro? ...»

Continua no próximo número

Perigos das bebidas alcoólicas



A Garrafa que tudo Consome

Um dia, diante de humilde choupana, um menino de tenra idade contemplava a garrafa que tinha na mão, murmurando: «Estarão os sapatos dentro desta garrafa, como diz mamã?

Finalmente, depois de lhe dar muitas voltas, apanhou uma pedra e com ela quebrou a garrafa. Ao verificar que nada continha, deitou-se no chão e pôs-se a chorar tão alto que não ouviu o ruído dos passos do alguém que se aproximava.

De repente uma voz severa disse:
— Quem fez isso?...

Aterrado, o pequeno voltou os olhos: era o pai que, mal-humorado, repetia a pergunta:

— Quem quebrou essa garrafa?

— Fui eu! exclamou afinal, o menino, quase sufocado pelas lágrimas.

— Por que a quebrou?

O menino olhou o pai com surpresa. É que em sua voz havia algo a que não estava acostumado; algo de compaixão que o pai sentia, quicá pela primeira vez, ao ver aquele pobre ser inocente e débil curvado desoladamente sobre os cacos da garrafa.

— Queria ver, murmurava o menino, se havia dentro um par de sapatos no-

vos... porque os meus estão rasgados e mamã não os pode consertar...

— Como podias imaginar que dentro da garrafa houvesse um par de sapatos novos?

— Foi mamã que mo disse... Sempre que lhe pedia para comprar um par de sapatos, respondia que tanto os meus sapatos como os vestidos dela, o pão e muitas outras coisas estavam no fundo de uma garrafa... e eu queria algumas dessas coisas... mas nada encontrei.

— Está bem, meu filho, disse o pai, pondo a mão sobre os cabelos anelados do pequeno.

Dias depois, o pai entregou ao menino um embrulho, ordenando-lhe que o abrisse.

Ao abri-lo, o pequeno lançou um grito de alegria.

— Sapatos novos! Sapatos novos! exclamou. O senhor recebeu outra garrafa, papai? Estavam dentro dela?

— Não, meu filho, respondeu o pai, com doçura. Não quero outra garrafa. Tua mãe tinha razão... todas as coisas se perdiam no fundo da garrafa e não é fácil reaver as que lá deixei. Mas, com a ajuda de Deus não mais tornarei a deixar dentro dela coisa alguma.

Que é Religião Verdadeira?

pelo Dr. José Dourado

Os seres humanos possuem congénitamente algumas qualidades e dons para sua própria felicidade. Diz-se constantemente que uma pessoa ou outra nasceu com esta ou aquela qualidade. A qualidade de poeta, por exemplo, vem de nascimento, muito embora haja muitos que, mesmo sem o dom, tenham produções dignas de menção. O mesmo se dirá da pintura, do desenho, etc.

Há, porém, um dom que a ninguém faltou — o da religião. Não pode haver queixa da parte de ninguém no sentido de não possuir a vocação religiosa. Seria uma grande omissão na obra criadora, se tal pudesse acontecer. O Criador, no acto mesmo da criação do homem, dotou-o de todos os dons essenciais, para que este pudesse levar a vida mais completa em harmonia com Ele.

A prova da verdadeira religião é estar ela apta a prover todas as necessidades religiosas do homem. Não é na religião superficial que vamos encontrar suprimimento para os anseios de nossa alma, mas sim naquela cujos princípios estão fundamentados na eterna palavra de Deus, que é pura e permanece para sempre. Cristianismo verdadeiro é aquele que conserva os princípios deixados pelo Senhor Jesus Cristo, sem apresentar mudança alguma e, desta maneira, em oposição a muitas outras formas de religião, sabe poder recorrer a um Deus pessoal, digno de universal adoração. Ao contrário disto, por exemplo, o bramanismo e o panteísmo supõem um princípio impessoal, abstracto, para em torno do qual fazer as suas manifestações religiosas.

Se não sabemos onde está o nosso Deus, então como nos dirigir a Ele? E se a Sua existência consiste numa abstracção, como esperamos ser por Ele atendidos em tempo oportuno? Não, o Deus da igreja verdadeira é um Deus pessoal, ao qual nos podemos dirigir, na certeza de que nos assiste do Seu imutável trono de graça.

A característica principal do cristianismo é a crença na encarnação do Filho de Deus. Este facto é, pela sua importância, apresentado pelo apóstolo João como ponto distintivo dos verdadeiros cristãos, nas seguintes palavras: «O espírito que não confessa que Jesus veio em carne não é de Deus, mas este é o espírito do anticristo». I S. João 4:3.

O Senhor Jesus prevaleceu sobre o império da morte, ressuscitando de maneira impressionante e poderosa, como resultado de ter levado uma vida pura entre os homens, apesar de sujeito às mesmas tentações. Tivesse Jesus cometido a menor falta durante os 33 anos da Sua encarnação, e todos veríamos quebrado irremediavelmente o grande elo que nos deveria religar com Deus, para recebermos, novamente a natureza imortal perdida no Éden.

Sendo a reconciliação com Deus através de Cristo extensiva a todos, a religião ou igre-

ja nada mais é do que um veículo para conduzir os homens pelo caminho aberto pelo Senhor ressuscitado, em demanda de Deus e do Seu Reino de glória.

A ideia de sacerdócio, sacrifício e mediação, é inculcada como instrução em quase toda as religiões. Através do Senhor Jesus Cristo, Deus Se manifestou em carne entre os homens, sendo este o «grande mistério da piedade» de que falou o apóstolo Paulo. Realmente, a união do divino com o humano é uma verdade preciosa, porém contém mistérios que permanecem cerrados e muitas vezes trazem dúvidas àqueles que são propensos para a incredulidade. Cristo não foi compreendido pelo povo do Seu tempo. Humilhou-Se, tomando a natureza humana, para poder alcançar e reabilitar a raça decaída. Os homens estavam, por causa do pecado, com o espírito obscurecido, percepção embotada, de maneira tal que não discerniam o carácter divino sob a capa da humanidade. Este obscurecimento mental serviu de obstáculo à obra vicária que o Salvador veio realizar. Tais condições continuam congestionando as mentes modernas. O facto de um anjo glorioso por exemplo, dar atenção a um assunto tão trivial como o de cuidar das simples necessidades humanas, constitui motivo de sorriso para os cépticos, a ponto de quererem pôr em dúvida a inspiração da narrativa sagrada. Entretanto, estas coisas, na sabedoria divina, foram narradas na história sagrada, não para benefício dos anjos, mas como prova da solicitude divina pela reabilitação da humanidade caída.

Eis, portanto, o fundamento do cristianismo: — «O Verbo», («Logos», no grego) só é empregada pelo apóstolo João, como um título de Cristo; por isso merece especial consideração. Significa também «palavra». A palavra é a maneira como nos expressamos. Assim Cristo, como «Palavra de Deus», Como «Palavra de Vida», expressava a verdadeira vida. Na ordem aparece primeiro o que o Filho era, e depois o que veio a ser. Ele era a expressão de Deus, como Deus, e sendo igualmente Deus; Criador de tudo, tornou-Se homem e luz dos homens.

Nem todos recebem iluminação de Cristo, mas a luz que Ele trouxe é para todos. Segundo a assertiva bíblica, os homens amaram mais as trevas do que a luz, e é por isso que a luz chegou, mas o mundo permaneceu nas trevas. A vida já veio, mas o mundo permanece morto. Falta da parte do homem o consentimento para ser instruído como uma criança. Falta submeter-se inteiramente a Deus, para que possa achar a verdade em Sua Palavra. Quando tal sucede, o Céu abre os seus arcanos de graça e glória ao sincero pesquisador. Desta forma, explorando as jazidas da

Continua na página seguinte

verdade, os resultados serão enobrecedores. O mistério da salvação, a encarnação de Cristo e Seu sacrifício expiatório, não figurarão na mente humana em noções vagas, mas como realidades incontestáveis.

As condições para professar o cristianismo são o arrependimento e a fé, que, resumidamente, significam submissão completa ao divino poder transformador. E sob esta submissão será cumprida em nós a tríplice missão do Verbo: Fez-se carne; deu-nos o Seu amor; dá-nos a vida eterna.

1965 Ano da Escola Sabatina

A Escola Sabatina e o nosso programa Missionário Mundial

Continuação da pág. 6

Sabatina e a apoiar a causa adventista segundo a medida de prosperidade que Deus lhes concede. Que cada um possa, pois, perante as múltiplas possibilidades do desenvolvimento da Obra e de ganhar almas que se nos apresentam em todo o mundo, tomar a decisão de se mostrar mais generoso nas suas ofertas semanais da Escola Sabatina. De acordo com o convite que já foi feito, possam os nossos membros consagrar regularmente, pelo menos, 3% das suas receitas para a realização deste objectivo. Os benefícios materiais e que adviriam duma tal iniciativa seriam proveitosos para todos.

Marius Fridlin

A Obra da Educação na Igreja Adventista

Continuação da pág. 8

o valor da educação que procura o desenvolvimento harmonioso das faculdades física, intelectuais e morais! Certamente que, se assim fosse, haveria menos jovens afastados da Igreja, fugindo para a cidade onde a vida lhes parece mais fácil e atraente. Diz-nos a pena inspirada que «o trabalho é uma salvaguarda contra a tentação». Os próprios pais devem fazer com que seus filhos tenham tarefas a cumprir no lar, consoante a sua idade e preparação.

Ellen White, no livro *Educação*, pág. 220, diz-nos: «Milhares de desempregados e famintos seres, cujo número diariamente engrossa as fileiras dos criminosos, poderiam obter a manutenção própria e uma vida feliz, saudável, independente, se fossem guiados em trabalho hábil e diligente no cultivo da terra.»

O binómio *estudo-trabalho* é de inspiração divina e tem um valor muito especial nos tempos difíceis que a nossa juventude está atravessando.

Outro ponto importante do plano divino de educação para o qual queremos chamar a vossa atenção é o lugar da Bíblia nas nossas escolas. «A Bíblia contém todos os Princípios que os homens necessitam compreender a fim de se habilitarem tanto para esta vida como para a futura. «De todos os livros publicados através dos séculos, a Bíblia é o único que não perde a actualidade. Existem nas Bibliotecas públicas quilómetros de prateleiras de livros retirados da circulação porque os seus ensinamentos já estão desactualizados. Com a Bíblia não acontece o mesmo. Os escritos de há milhares de anos, os conselhos, as advertências, etc., continuam, sendo tão actuais hoje como nos tempos em que foram escritos.

A nossa obra de educação começou em 1872. Nessa altura exclamava-se: «Não há obra mais importante do que a educação dos nossos jovens. «*Conselhos aos Professores, pais e Estudantes*, pág.41. No espírito desta declaração, vamos dar o melhor que temos para que a obra educativa entre nós seja aquilo que deveria ser.

As nossas escolas serão um dia substituídas como o foram as outras mencionadas. Começará então a funcionar a Escola do Além, muito semelhante à Escola do Eden. O Céu será a escola, o Universo o livro de estudo e Deus o professor.

Que as nossas escolas ajudem a formar alunos para a escola do Além, são os nossos votos no início deste ano escolar.

Resumo da palestra proferida na cerimónia de abertura das aulas do Instituto Adventista do Bongo.



O VI Acampamento dos M. V.

Continuação da pág. 7

os membros da Igreja que, por sugestão do Pastor J. Miranda, decidiram passar connosco o dia do Senhor, demonstrando desse modo o interesse e carinho que a juventude lhes merece.

Foram dadas as boas-vindas. Realizaram-se a Escola Sabatina e o Culto. Este, dirigido pelo Pastor J. Gomes, da Igreja de Luanda, foi um estímulo para cada um de nós e ao ser feito o apelo, um bom número de jovens se levantou. Fazemos votos muito sinceros que a decisão tomada naquele momento, possa fazer eco para a eternidade!

No penúltimo dia de Acampamento procedeu-se à cerimónia de investidura. Vinte e nove jovens foram investidos nas diversas Classes Progressivas.

Nesse dia tivemos connosco as presenças amigas dos Pastores Armando Casaca, presidente da União Portuguesa, Carlos Esteves, director da Missão do Cuale e «nosso Soba» do Acampamento anterior e António Valente, director da Missão da Namba. Para todos o nosso «Muito Obrigado», embora fosse limitado o tempo que estiveram connosco.

O último dia raiou! Após a Devoção Matinal, rapidamente as tendas foram removidas dos seus lugares. O recinto aparecia aos nossos olhos saudosos, triste e solitário. Conservamos, no entanto, bem vívidos em nossas mentes

os dias felizes ali passados, quando as nossas vozes entoando hinos de louvor se uniam ao gorgoejo das aves e as alegres risadas se misturavam com o susurrar do vento nas árvores de porte altivo e magestoso. Antes de regressarmos aos nossos lares, formámos um pequeno círculo, todos de mão dada como que a estreitar ainda mais os laços de amizade existentes entre os jovens. Duas vozes se

elevaram aos Céus, em oração, agradecendo a Deus a maravilhosa oportunidade que nos concedeu e a protecção dispensada cada dia, pedindo-Lhe ainda que nos ajude a ser fiéis, tendo em nossos corações a certeza de que um dia Jesus nos dará a «corôa da vida».

Que cada M. V. possa reflectir em sua vida o Amor de Jesus é o meu mais sincero anelo.

Maria Costa Sales

A Questão do Dízimo

Continuação da pág. 2

A expressão *poder ou não poder* existe no dicionário do crente em função da sua fé. Humanamente a viúva que Jesus elogiou não poderia ter feito aquela oferta, pois deu TUDO (S. Marcos 12: 41-44). Elias não podia, humanamente, esperar ser alimentado durante duradoura seca, pela viúva de Sarepta, que tinha apenas um pouco de azeite e de farinha (I Reis 17:7-16). PODER é questão de fé; como dizia o apóstolo Paulo: «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece». Filip. 4:13.

Concluindo, Deus quer que andemos sinceramente, em boa consciência praticando o que sabemos ser a verdade. O conselho para nós, neste momento, é o de Paulo: «... transformai-vos pela renovação do vosso entendimento». Romanos 12:2. Deus espera de nós que sejamos mordomos fiéis.

Notícias do Campo

Teófilo Ferreira

O Jovem Teófilo Ferreira, tendo terminado a sua obrigação de serviço militar, partiu de avião para a Metrópole, no passado dia 2 de Setembro. Desejamos ao simpático Teo fêrias felizes, na companhia de seus pais, e fazemos votos para que os seus estudos sejam coroados de êxito.

Pastor Isaque Tadeu

O Irmão Isaque Tadeu no passado dia 4 de Setembro por altura das Reuniões de Reavivamento Espiritual da Missão do Bongo, foi consagrado ao ministério. O sermão de consagração foi pregado pelo Pastor E. L. Jewell, a investidura foi feita pelo Dr. R. B. Parsons, a oração pelo Pastor A. J. S. Casaca e as boas-vindas pelo Pastor J. A. Morgado.

Missão do Bongo

A Missão do Bongo é a nossa maior missão em Angola. Foi fundada em 1923 e hoje é bem conhecida em todo o território português da-que-m e da-lém-mar. Ela desdobra-se em múltiplas actividades que determinam a existência de duas instituições da União, do Campo Missionário que tem a seu cargo as actividades adventistas nas aldeias das áreas das Administrações do Longonjo, Cuma, Caála e Ganda, e ainda de uma tipografia que executa todo o trabalho gráfico para a Casa Publicadora Angolana, inclusive este Boletim.

As duas instituições da União a que nos referimos, constituem o coração e o braço direito da Obra. O trabalho da educação é sem dúvida, o coração da Obra e o trabalho médico é como sói dizer-se, o seu braço direito. O Instituto e o Hospital fazem da Missão do Bongo o maior centro adventista de Angola e quicá de todo o Império Português.

Uma aragem de renovação e progresso sopra hoje no Bongo. Os tempos mudam e é mister que acompanhemos o progresso, mesmo à custa de sacrifícios ingentes e, quantas vezes, incompreendidos e mal interpretados.

O Hospital do Bongo tem sofrido algumas remodelações. Construíram-se mais quartos e uma nova estação para as enfermeiras. Outras obras se poderiam fazer se tão somente houvesse os meios necessários!

O Instituto não fez ainda obra de pedra e tijolo (embora pense fazê-las), com excepção de uma pequena fábrica experimental para o fabrico de manteiga de amendoim. Contudo há outras obras, talvez de maior alcance e projecção, que têm sido realizadas.

Durante muitos anos o campo tem pedido

insistentemente que se proporcione às meninas que frequentam o Instituto uma educação, mais sólida e mais de acordo com as suas futuras necessidades de esposas de obreiros. Últimamente, também têm chegado até nós, pedidos para que se actualize o actual curso de Catequistas. Temos o prazer de anunciar que estes pedidos receberam a devida consideração e, este ano, já temos a funcionar o nosso Curso de Formação Feminina. O Curso de Catequistas também vai sofrer uma revisão total e contamos poder enviar em breve todos os pormenores aos Directores de Missão e Pastores de Igreja.

Outra necessidade que o Instituto procura agora suprir, é a de uma Escola de Artes e Ofícios. Vamos tentar instalar, quanto antes, uma carpintaria, uma alfaiataria e uma sapataria. Não temos fundos mas esperamos que o Senhor abra a caminho para alcançarmos este objectivo.

Temos também já preparado um projecto do Regulamento do Instituto que já foi aprovado pelo Conselho Executivo da União e que se encontra à experiência.

Este ano estão matriculados no Instituto 426 alunos, dos quais 77 são do Curso de Catequistas e 5 do Curso de Formação Feminina.

Pedimos a todos os leitores que orem e ajudem o trabalho na Missão do Bongo. Ao fazerem isto, estão ajudando o trabalho em todos os campos de Angola e abreviando a vinda de Jesus.

J. E. Rodrigues

Luanda

Nas últimas notícias sobre Luanda, escreviamos que a igreja se achava envolvida numa grande campanha de evangelização. Podemos agora, informar os amáveis leitores deste Boletim que foram óptimos os resultados dessa campanha.

No 2.º Sábado de Abril, tivemos uma tocante cerimónia baptismal na qual oito almas se entregaram ao Senhor, através das águas do baptismo.

No último Domingo de Maio, realizou-se a tradicional Festa das Mães, com a sala completamente cheia e muitas dezenas de pessoas a assistir do lado de fora.

Mal despontou o mês de Julho e já toda a Igreja fazia os seus planos para participar no trabalho da Campanha das Missões. Durante 6 semanas, todos os Domingos, muitos jovens e alguns irmãos se reuniam na Igreja, logo de manhã, para, em grupos de dois saírem ao trabalho. Durante a semana, outros grupos, cheios de zelo e entusiasmo, lá iam, de porta em porta, levando a Mensagem contida na Revista e recolhendo generosos donativos que, de algum modo, ajudarão a levar por diante a boa obra missionária da Igreja Adventista.



Os mais pequeninos apresentam o seu programa

sòzinho? Não traz companheiro, nem ajudante? Minha resposta foi: «Não venho só. Quem anda com Deus não anda só. Venho com Deus e com o meu anjo da guarda. Ninguém necessita andar só. Disse Jesus: 'Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos'. Também está escrito: 'O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra'»

Tenho feito algumas viagens difíceis, mas sempre còncio da presença de Deus. Faz-nos bem avançar

De 16 a 18 de Julho, tivemos as nossas reuniões anuais de reavivamento espiritual. Foram 3 dias muito abençoados. O Pastor Armando Casaca, que teve a seu cargo a maior parte das reuniões, foi sempre escutado com o maior recolhimento. As suas mensagens vibrantes de entusiasmo e de fé, permanecem, ecoando aos nossos ouvidos. A colaboração do Pastor Joaquim Miranda contribuiu, também, para o bom êxito destas reuniões, que foram muito concorridas. No Sábado 17, de tarde, teve lugar uma cerimónia baptismal, a terceira deste ano. Desta vez, 11 almas decidiram romper com os laços que as prendiam ao mundo e entregaram-se nos braços do Salvador, pelo baptismo. No domingo, à tarde, realizou-se uma festa promovida pela Sociedade dos M.V., cujo programa a todos agradou. Finalmente, à noite, na reunião de encerramento, e ao apelo do Pastor Casaca, 45 pessoas manifestaram o desejo de consagrar as suas vidas ao Senhor. Algumas destas pessoas estão já a travar combate no terreno da obediência aos Mandamentos de Deus, nomeadamente o 4.º, e estão resolvidas a vencer, com Cristo.

Orai por estas almas e por todo o trabalho que está se realizando em Luanda.

Agradece

J. Gomes

«Campanha das Missões»

Ao agradecermos a boa colaboração dos obreiros e crentes que se dedicam ao trabalho da campanha das missões, desejo partilhar algumas experiências que ocorreram há pouco. Tiveram lugar numa recente viagem em que pela força das circunstâncias, não pude ter a honra da companhia de outra pessoa.

Muitos perguntaram-me: «O Senhor vem

pela fé, seguros da invisível presença dos mensageiros celestiais. Tenho recebido muitas bênçãos que não seriam minhas se não confiasse no Senhor.

Um jovem cavalheiro confidenciou-me sofrer de doença incurável. Não mata, mas por agravar-se lentamente, causa muitas inconveniências. É deprimente. Ele reconhece estar fora do alcance da ciência médica, mas crê que Deus o pode ajudar. Animei-o e prometi orar por ele. Solicito as orações dos leitores por este caso.

Encontrei uma senhora viúva no seu modesto estabelecimento. Correspondeu ao apelo da campanha. Descobri depois que ela estava muito desanimada. Sofreu várias vezes e queria suicidar-se. Julgou poder assim pôr fim às suas misérias. Falei-lhe do amor de Deus e do Seu cuidado especial pelas viúvas e orfãos. Fui á carrinha buscar uma Bíblia. Li-lhe promessas animadoras. Assinalei esses trechos na margem das páginas. Ofereci-lhe o Livro, convidando-a a estudá-lo diariamente. Agradeceu-me. Quando ia retirar-me, pediu-me que a levasse com o seu criado ao rio. Este ficava a dois quilómetros na direcção em que eu seguia. Para minha surpresa não deixou a Bíblia em casa. Trazia-a na mão, afagando-a carinhosamente. Sentia que a presença do Livro dar-lhe-ia paz e conforto, mesmo enquanto tratava da roupa!

Numa localidade em que trabalhei, fui visitar o Sr. Administrador do Concelho. Já o conhecia. Fui muito bem recebido. A conversa girou em torno da função das autoridades como ministros de Deus e do dever de se dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Sentiu-se fortalecido com a visita. Antes de deixar a área, dias mais tarde, tive a convicção de que devia oferecer-lhe uma Bíblia. Levei-lhe o Livro quando fui apresentar-lhe os

cumprimentos de despedida. Ficou profundamente comovido, pois na véspera manifestara a uns amigos seu desgosto por lhe terem roubado a Bíblia e o desejo que tinha de adquirir outra. Não admira seu estremecimento geral. Abraçou-me ao agradecer tão oportuna oferta e disse emocionado: «Deus o mandou cá. Foi Deus quem lhe pôs no pensamento trazer-me este precioso livro!» Concorro plenamente. Foi obra de Deus!

Um comerciante-agricultor pediu-me que fosse à sua casa dar estudos bíblicos. Noite após noite estudámos a Verdade Presente, incluindo as profecias de Daniel e Apocalipse. Apresentei minuciosamente a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14. Esta família está a orar e a examinar tudo. Fazem como os de Bereia no tempo dos apóstolos. Querem aceitar e seguir a Luz. Na adolescência foi ouvir um padre que visitou essa localidade a falou nas perseguições». Desejou conhecer a Bíblia. Passados alguns anos começou a estudá-la. Tem fome pelo conhecimento do Livro. Deseja compreendê-lo e seguiu-o fielmente.

Fui cumprimentar o comandante da polícia de certa cidade. Ofereceu-me os seus préstimos. Disse: «Recebemos bem as pessoas amigas». Antes de ausentar-me daquela área fui despedir-me dele. Estava ausente. Recebeu-me o chefe. Ao despedir-me ofereceu uma Bíblia ao comando. Agradeceu-me e disse que também possuía a Bíblia. Comprou-a a «um vendedor de livros». Compreendi que um fiel colporteur-evangelista havia lançado essa boa semente.

Oprime-nos a aflição dos pais que têm filhos com deficiências física ou mentais que a ciência médica não consegue remediar. Ficam mais animadas ao ouvirem nossas palavras amigas e animadoras. Procuramos sempre incutir-lhes fé n'Aquele que tudo sabe, tudo encaminha para o bem daqueles que O amam.

Os filhos em idade escolar são motivo de muita preocupação para seus pais. Estes sofrem mais do que aqueles. Tudo pela ansiedade de serem bem sucedidos nos estudos, nos exames e na promoção. E com muita razão. O melhor tesouro que podem deixar-lhes é uma formação que os faça bons filhos de Deus e conhecedores do valor da instrução. Preparados para a vida, reconhecendo o valor do trabalho e do dinheiro, serão bem sucedidos. Uma pergunta ou duas sobre o aproveitamento escolar dos filhos, coloca-nos na posição de dar os parabéns a pais e filhos, se foram felizes. Ou a dizer palavras de animação e esperança no caso inverso. Este gesto infalivelmente promove e vitaliza a amizade. Facilita o contacto presente e futuro da campanha. Também anima as pessoas. Deixa-as bem dispostas e desejosas de ver-nos novamente!

Oremos pelas revistas colocadas, pelos contactos feitos, por aqueles que estão a estudar a Bíblia, pelos que fazem o curso bíblico por correspondência. Oremos pelos que nos ajudam com os seus recursos. Peçamos a Deus que lhes multiplique os dons. Oremos por aqueles que ouvem as emissões da Voz da Profecia e pelos que estão a ler os livros que os colportores-evangelistas lhes vendem. Rogue-

mos a Deus que se digne servir-Se de todos os meios e de todos os métodos para levar à Verdade Presente os que hão de constituir a família dos remidos na eternidade. «Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Eclesiastes 11:1.

E. V. Hermanson

Cerimónia da Abertura das Aulas no I. A. B.

Após dois dias de reuniões pedagógicas, o Instituto Adventista do Bongo teve, no dia 20 de Setembro, uma pequena festa marcando o início do ano lectivo de 1965-1966. Cremos que todos quantos a ela assistiram se lembrarão da mesma através do ano escolar.

Às 8:00 horas todos os professores e alunos achavam-se formados frente ao edifício do Instituto. Procedeu-se então ao hastear da Bandeira Portuguesa, ao som do Hino Nacional, cantado por todos.

Após esta cerimónia, todos entraram na Capela onde se cantou o hino n.º 259 do Hinário Adventista. O Pastor Pedro B. de Freitas fez a primeira oração. O Director do Instituto deu as boas-vindas a todos e fez votos para que o ano escolar que principiava pudesse ser muito abençoado. Todos os membros do corpo docente desceram então da plataforma e entoaram um número especial.

O Director do Instituto, J. E. Rodrigues, levantou-se então para dirigir a palavra aos corpos docente e discente. Salientou a necessidade de ordem, disciplina, consagração e espiritualidade e apresentou o novo regulamento do Instituto, pelo qual nos regularemos de agora em diante.

As jovens Asenath e Isolina de Freitas cantaram um belo dueto que a todos agradou.

Chegou então o momento de ouvirmos a mensagem do Secretário interino do Departamento de Educação, Pastor J. A. Morgado. Um resumo da sua bela mensagem aparece nesta revista.

A nova professora da Escola Primária, Leonor N. Silva, recitou-nos uma linda poesia.

Esta expressiva cerimónia terminou com o cântico do hino n.º 263 do Hinário Adventista e com uma oração pelo Professor Agostinho Jorge.

Durante o período da tarde houve jogos para todos. Às 21 e 30 minutos todos os professores e alunos se reuniram na Capela para entoarem hinos especiais e apreciar uma sessão de projecções luminosas educativas. Com isto terminou o nosso dia de festa no I. A. B.

P. B. de Freitas

Visado pela Censura